

DESAFIOS DA SOCIEDADE DE RISCO GLOBAL: UL- RICH BECK E UM COSMOPOLITISMO PARA O SÉCULO XXI¹

Bruno Rego

(Mestre em Filosofia da Natureza e do Ambiente)

1. Um só Mundo: uma comunidade única de destino na Sociedade de Risco Global.

Os últimos vinte e cinco anos que medeiam a aparição da primeira obra de Ulrich Beck, *Risk Society*, revelaram-se pródigos em acontecimentos marcantes que produziram alterações na percepção do mundo em que vivemos.

A começar pela ciência e pela tecnologia. As sucessivas inovações nestes dois domínios continuam a modelar de forma cada vez mais incisiva e abrangente as mais diversas esferas da nossa existência quotidiana e a sua influência amplia-se a um cada vez maior número de domínios: desde o campo das tecnologias de informação às mais recentes descobertas nas áreas da engenharia genética e da biologia molecular, a ciência e a tecnologia permitem hoje a concretização efectiva de cenários outrora apenas possíveis no domínio ficcional².

¹ Este artigo retoma alguns dos temas dos capítulos VII e VIII da Dissertação de Mestrado da minha autoria intitulada “Risco, Cosmopolitismo e Europa. A Modernidade no Pensamento de Ulrich Beck”, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008.

² Chegando-se já a falar em expressões que nos remetem de imediato para cenários de ficção científica como **futuro pós-humano** ou **transhumano**. Espelho disto é o conceito de **trans-humanismo** criado pelo biólogo Julian Huxley, em 1957. Tentando resumir sucintamente o conceito de transhumanismo, podemos dizer que este defende o uso da ciência e da tecnologia não só para melhorar as potencialidades mentais e físicas do ser humano como também para ultrapassar os aspectos indesejáveis da condição humana como as doenças ou o envelhecimento e, eventualmente, a própria morte. Para uma elucidação mais ampla do transhumanismo veja-se o artigo de Nick Bostrom, “A History of Transhumanist Thought”, datado de 2005, *Journal of Evolution and Technology*, Vol. 14, April 2005.

Philosophica, 35, Lisboa, 2010, pp. 183-192

No seio da esfera política, o descrédito das instituições e a desconfiança dos cidadãos face à forma como estas e os seus agentes desempenham a sua actividade não cessa de aumentar.

O desinteresse e o divórcio entre agentes políticos e cidadãos nunca foram tão profundos como neste início de século XXI, o que se traduz num **défi**ce de participação política por parte do cidadão comum e provoca uma crise no seio do sistema democrático³.

A velocidade vertiginosa a que se sucedem os acontecimentos no mundo actual e a aproximação entre pontos do globo outrora distantes, motivada pelo espantoso progresso das tecnologias de informação, fazem-nos subscrever a tese asseverada por Peter Singer, pensador ligado ao domínio da ética aplicada, numa obra recente em que procura um reposicionamento da ética em consonância com a globalização: devido a acontecimentos cuja amplitude é planetária, vivemos integrados numa **comunidade de destino global**, interdependentes **num só mundo**⁴.

De acordo com Beck, também a crescente proliferação de desastres ambientais e tecnológicos tem a capacidade de tornar a humanidade numa **comunidade única de destino**, devido a sermos todos potenciais vítimas por igual dos seus efeitos. A comunidade de classes da sociedade industrial foi substituída por uma comunidade onde predominam o medo e a ansiedade, na qual estamos globalmente implicados⁵.

Perante estes acontecimentos, quase vinte e cinco anos depois da publicação de *Risk Society*, a afirmação é feita pelo próprio Ulrich Beck: a Sociedade de Risco tornou-se, em definitivo e mais do que nunca devido à amplitude geográfica de acontecimentos recentes, uma **Sociedade de Risco Global**⁶. A globalização económica e o aumento do potencial ameaçador dos riscos da Modernidade aproximam o pensamento de Beck da posição defendida por Peter Singer.

Neste artigo pretendemos evocar sumariamente alguns dos desafios que, pela sua premência e actualidade, transformaram a sociedade contemporânea numa sociedade de risco global – o terrorismo e a certeza, já por demais inequívoca, da responsabilidade da intervenção humana na

³ Veja-se, por exemplo, o impasse institucional em que a União Europeia tem vivido nos últimos anos na tentativa de encontrar um rumo político comum. O não à Constituição Europeia que franceses e holandeses disseram no referendo de 2005 colocou a Europa num beco sem saída, demonstrando com clareza a clivagem existente entre políticos e o cidadão comum e nem as alterações introduzidas pelo *Tratado de Lisboa* (2007) parecem colocar um ponto final nesta situação.

⁴ Peter Singer, *Um só mundo – A ética da globalização*, Lisboa, Gradiva, 2004, p. 33.

⁵ Beck, *Risk Society*, London, Sage, 1992, p. 49.

⁶ «Risk society, fully thought through, means world risk society». Beck, “World Risk Society as Cosmopolitan Society? Ecological Questions in a Framework of Manufactured Uncertainties” in *World Risk Society*, Cambridge, Polity Press, p.19.

aceleração do fenómeno das alterações climáticas e do aquecimento global – e apresentar sumariamente a proposta de Beck para fazer face aos actuais desafios de dimensão planetária: a necessidade da reformulação do conceito de cosmopolitismo à luz da época em que vivemos.

§ 2. 11 de Setembro de 2001: o dia em que o terrorismo se tornou uma ameaça global.

Os ataques perpetrados contra as torres do World Trade Center no dia 11 de Setembro de 2001, em Nova Iorque, confrontaram o mundo com uma nova ameaça: o **terrorismo global** conduzido por pequenas organizações capazes de provocarem atentados indiscriminados contra alvos civis. O 11 de Setembro veio também acabar com o mito de invulnerabilidade da principal super-potência dos últimos cinquenta anos, os Estados Unidos da América.

Os atentados às Torres Gémeas não só abalaram profundamente a ideia de segurança no mundo ocidental, como criaram uma cisão profunda entre os valores de liberdade e democracia que o caracterizam, contrapondo-os ao fanatismo e à intolerância religiosa, associadas ao mundo islâmico depois do 11 de Setembro, chegando alguns autores mesmo a proclamar a existência de um choque de civilizações⁷.

É no contexto de uma sociedade globalmente ameaçada após os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001, bem como por atentados terroristas posteriores⁸, que se revela não só a extrema vulnerabilidade a que os valores e fundamentos da nossa civilização estão sujeitos.

O 11 de Setembro introduziu também um novo dado no panorama das relações globais que Beck reconhece num artigo que escreveu em 2002, “The Silence of Words and Political Dynamics in the World Risk Society”. Beck afirma que

«Com as cenas horríveis de Nova Iorque, os grupos terroristas estabeleceram-se como novos actores globais em competição com estados, economias e sociedades civis»⁹.

⁷ Esta é a tese defendida pelo cientista político Samuel P. Huntington que, em 1993, escreveu um artigo para a revista *Foreign Affairs* com o mesmo título – “The Clash of Civilizations” – em reacção à obra de Francis Fukuyama, *The End of History and the Last Man* (1992). A tese de Huntington é que as diferenças religiosas e culturais dos diferentes povos do mundo serão a principal fonte de conflito no século XXI. Huntington ampliou a sua tese numa obra escrita em 1996, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*.

⁸ Nomeadamente, atentados de dimensões mais aparatosas e com um impacto mais significativo como foram os de Madrid em 2004 e os de Londres em 2005.

⁹ «With the horrific scenes from New York, terrorist groups have established them-

O sociólogo alemão chega ao ponto de apelidar os grupos terroristas de ONG de violência, verdadeiros monopólios de terror que actuam, à semelhança das verdadeiras ONG, local e globalmente, tendo com isso criado o fenómeno do terrorismo transnacional.

§ 3. Uma “*Verdade Inconveniente*”: Al Gore e a mediatização da Crise do Ambiente.

A emergência dos movimentos ambientais na década de 1960 começou a trazer lentamente para o espaço mediático a noção de que a nossa civilização atravessa uma crise ambiental sem precedentes.

No entanto, a pouca consensualidade dos veredictos científicos e, principalmente, a resistência que lhe foi exercida por parte dos governos dos países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento e dos grandes grupos financeiros multinacionais, que vêem nela um obstáculo ao crescimento económico sem limites, impediram que as questões das alterações climáticas e do aquecimento global constituíssem uma prioridade de topo das agendas políticas, sem o tratamento adequado nos meios de comunicação social.

Este panorama conheceu significativas alterações em anos muito recentes. Os problemas ambientais, e as suas possíveis consequências, são hoje um dos, senão mesmo o, expoentes máximos do que se entende por sociedade de risco global.

A evidência científica da intervenção humana na aceleração do fenómeno das alterações climáticas já não permite, sob pena do despertar e do tempo para a acção serem demasiado tardios, mais cepticismos como aconteceu no passado.

Segundo o *Fourth Assessment Report* do International Panel for Climate Change (IPCC)¹⁰, publicado em Fevereiro de 2007, existem noventa por cento de certezas do impacte da actividade humana no aquecimento do planeta e os cenários previstos para a sobrevivência de certas espécies estão muito longe de poderem ser considerados optimistas.

Apesar dos constantes alertas do IPCC, foi, no entanto, o ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, a figura que mais se destacou nos últimos anos na divulgação dos problemas ambientais e da gravidade que os seus efeitos podem ter para o futuro da espécie humana.

selves as new global actors in competition with states, economies and civil societies in one swoop». Beck, “The Silence of Words and Political Dynamics in the World Risk Society” *Logos*, 1.4 – Fall 2002.

¹⁰ Organismo científico criado em 1988 pela World Meteorological Organization (WMO) e pelo United Nations Environmental Program (UNEP) com o objectivo de avaliar os riscos das alterações climáticas causadas pela intervenção humana.

Através de um documentário cinematográfico intitulado “*Uma Verdade Inconveniente*” (2006), baseado na sua obra com o mesmo nome¹¹, e que foi alvo de uma campanha publicitária mediática em todo o mundo, Gore, mercê da sua fama e prestígio, conseguiu elevar os temas das alterações climáticas e do aquecimento global a um patamar que não tinha sido ainda alcançado e o sucesso do documentário teve o mérito de consciencializar a opinião pública mundial para a importância que os problemas ambientais têm no mundo actual.

Como reconhecimento pelo seu trabalho de divulgação dos temas ambientais e da sua relevância na sociedade contemporânea, em 2007, Al Gore, juntamente com o IPCC, foi galardoado com o Prémio Nobel da Paz.

§ 4. O ‘momento cosmopolita’ (forçado) da Sociedade de Risco Global

Antes de passarmos à exposição do conceito de cosmopolitismo, convém reter alguns tópicos importantes para os quais nos remete a tese da Sociedade de Risco, formulada por Beck.

Assim, na sociedade contemporânea:

1) As instituições chave da primeira Modernidade – a ciência/tecnologia e a política – revelam-se de todo impotentes na avaliação, gestão e criação de soluções adequadas para o combate aos riscos contemporâneos de carácter antropogénico, oriundos dos progressos científicos e tecnológicos;

2) Os cenários de destruição que derivam da possibilidade de ocorrência ameaças ambientais e tecnológicas colocou a Modernidade perante um novo decurso histórico – a Modernidade Reflexiva –, que representa, não um fracasso dos fundamentos da primeira Modernidade, mas sim a possibilidade da sua superação, dado que a confrontação crítica da Modernidade consigo mesma, veiculada pelo carácter de reflexividade, permite traçar rumos alternativos para o projecto moderno.

O que devemos essencialmente reter é: vivemos numa sociedade em que os efeitos das diversas ameaças possuem uma amplitude cada vez mais global e, contraditoriamente, encontramos-nos ainda inseridos num modelo de Modernidade que se tornou incapaz de lhes dar resposta e que reclama estruturas totalmente distintas das estruturas existentes.

¹¹ *An Inconvenient Truth: The Planetary Emergency of Global Warming and What We Can Do About It*, Bloomsbury Publishing, 2006.

Segundo Beck, a saída para o impasse representado pelos desafios que o século XXI enfrenta, enquanto sociedade de risco global, passa por uma solução política.

Exige uma reforma profunda de todo o sistema político. Essa reforma passa pela criação de novos modelos e instituições¹², com um horizonte mais alargado além do território nacional dos estados, ou seja, requer uma esfera transnacional de actuação, dado que os riscos são, também eles, transnacionais, não se confinando às fronteiras de um determinado Estado.

Mas também porque o mundo em que vivemos, profundamente influenciado pelas vantagens e desvantagens da globalização, se está a tornar cada vez mais cosmopolita a vários níveis.

A globalização ampliou de sobremaneira o horizonte vital em que se move o indivíduo para lá das suas fronteiras locais e nacionais. Assim, na sociedade de risco global, a condição humana, para ser plenamente compreendida, deve ser enfocada à luz de uma **perspectiva global**¹³.

A perspectiva cosmopolita está latente na natureza dos riscos actuais. Os seus efeitos à escala global implicam toda a humanidade, e não apenas uma parte dela, nas suas potenciais consequências.

Assim, a dimensão global dos riscos força-nos, mesmo que não queiramos, como indivíduos e ao nível das instituições políticas, a adoptar uma postura que extravasa as habituais fronteiras de referência que nos circunscreviam à raiz do Estado nacional.

A transição para a sociedade de risco global propiciou a desconstrução de muitos dos paradigmas vigentes, abalando decisivamente algumas das ‘verdades incontestáveis’ que a Primeira Modernidade ajudou a manter vivas. Entre elas encontramos os conceitos de Estado-nação e de soberania nacional, tão caros ao primeiro momento da Modernidade.

Não nos deixemos iludir, porém, quanto ao cosmopolitismo da nossa época. Acima de tudo, a sociedade de risco global é uma **sociedade cosmopolita**¹⁴ por força das próprias circunstâncias que a propagação dos

¹² A já mencionada reinvenção da esfera política. «[...] there has to be a reinvention of politics, [...]», defende Beck num artigo intitulado “The Cosmopolitan Societies and its Enemies”.

¹³ «At the beginning of the 21st century the *conditio humana* cannot be understood nationally or locally but only globally». Beck, “The Cosmopolitan Society and its Enemies” in *Theory, Culture & Society*, p.17. O itálico é do autor.

¹⁴ Aqui tomamos como exemplo o sentido do cosmopolitismo do projecto kantiano esboçado na *Paz Perpétua*. Se, em Kant, o que fecunda a ideia de cosmopolitismo político é um imperativo da razão prática, na sociedade contemporânea, a existência de estruturas políticas transnacionais funda-se, pelo contrário, na necessidade de cooperação face aos desafios cada vez mais complexos de um mundo globalizado do que propriamente numa vontade expressa de adoptar um modelo cosmopolita.

riscos nela introduziu. O risco obriga-nos, enquanto indivíduos, a uma abertura da nossa esfera existencial ao mundo que nos rodeia¹⁵ e, a nível institucional, em face do novo panorama geopolítico internacional, as instâncias políticas nacionais de cada país foram obrigadas a uma reequação do conceito de soberania e da concepção de nacionalismo.

A natureza global dos riscos contemporâneos introduziu algumas alterações dignas de registo no funcionamento das instituições políticas contemporâneas:

1) O combate às ameaças da Sociedade de Risco Global fomentou a necessidade da **interdependência** entre os diversos Estados. Um país, actuando solitariamente no quadro das suas fronteiras nacionais e sem ter em conta o que se passa fora do seu espaço territorial, vê-se incapaz de fornecer respostas eficazes aos efeitos dos riscos.

2) A interdependência entre Estados conduziu a um enfraquecimento progressivo da dimensão nacional e territorial do Estado-nação e à transferência de parte da sua soberania para instituições políticas transnacionais. O exemplo mais visível desta situação é a União Europeia.

A fundação de instituições políticas transnacionais baseia-se numa necessidade de cooperação forçada e, para que os Estados não coloquem em perigo os seus próprios interesses nacionais, afirma Beck, devem “transnacionalizar-se”, isto é, abdicar de algumas esferas em que exercem plenamente a sua soberania, delegando-a em parte em instituições políticas de carácter transnacional, de forma a combaterem eficazmente ameaças que são comuns a todos os países¹⁶.

§ 5. O Cosmopolitismo de Beck: um exemplo de uma nova cultura política

No §4 afirmámos que a dinâmica do mundo actual só pode ser verdadeiramente compreendida através de um enfoque global e que o modelo de cariz nacionalista que tem pautado a actuação dos Estados tem de

¹⁵ «Global risks tear down national boundaries and jumble together the native with the foreign. The distant other is becoming the inclusive other – not through mobility but through risk. Everyday life is becoming cosmopolitan». Ulrich Beck, “Living in the World Risk Society” in www.lse.ac.uk/collections/sociology/pdf/Beck-LivingintheWorldRiskSociety-Feb2006.pdf.

¹⁶ «The following paradoxical principle hold true: state must de-nationalise and trans-nationalise themselves for the sake of their own national interest [...]». Beck, “The Cosmopolitan State – Towards a Realistic Utopia” in www.eurozine.com/articles/2001-12-05-beck-en.html.

dar lugar à criação de instituições políticas supranacionais para enfrentar os desafios correntes de cariz planetário.

Para que isto aconteça, segundo Beck, é necessário que a actuação política num contexto transnacional seja feita à luz do conceito de cosmopolitismo. Não do cosmopolitismo como nos legou a tradição filosófica, mas partindo de um novo enfoque.

Apesar de retomar um conceito tão caro a pensadores da filosofia política do Iluminismo, como o Abbé St.Pierre ou Immanuel Kant, a perspectiva cosmopolita de Beck distancia-se claramente do cosmopolitismo filosófico da tradição iluminista que podemos encontrar no projecto kantiano¹⁷.

O cosmopolitismo delineado por Beck é, antes de tudo como o próprio afirma, um **conceito operativo e metodológico utilizado pelas ciências sociais**¹⁸ e «[...] uma forma específica de *lidar socialmente com as diferenças culturais*»¹⁹.

Mais do que uma concepção política, o cosmopolitismo de Beck significa, em nosso entender, a **capacidade institucional demonstrada por um Estado em dialogar e agir num contexto de cooperação transnacional ou global face a problemas da mesma natureza**, sendo a sua actuação pautada pelo reconhecimento e aceitação de posições divergentes da sua.

Se, em Kant, o cosmopolitismo é entendido como um projecto político, estamos em crer que o conceito de cosmopolitismo formulado pelo sociólogo alemão constitui um elemento para a criação de uma **nova cultura política**, sensível à questão da alteridade e dos interesses dos outros.

É na tese de aceitação face às diferenças culturais que podemos observar o quanto o conceito de cosmopolitismo de Beck se demarca do cosmopolitismo dos filósofos do século XVIII.

Associado aos pilares da Primeira Modernidade, o cosmopolitismo elaborado no século XVIII pretende ser, na opinião de Beck, **universal, hegemónico e dogmático**, interpretando o mundo à luz da racionalidade expansionista do Ocidente e sem ter em devida conta a diversidade cultural que constitui a pluralidade das civilizações humanas²⁰.

¹⁷ «The cosmopolitan perspective I have in mind possesses none of the certainties that sustained Kant's cosmopolitanism». Beck, "Neither Order nor Peace – A Response to Bruno Latour", *Common Knowledge* 11:1, Duke University Press, 2005.

¹⁸ «However, we want to use the concept in a very specific way – namely, as a *social scientific* concept – [...]». Beck, *Cosmopolitan Europe*, Cambridge, Polity Press, p. 12. O itálico é do autor.

¹⁹ «[...] a specific way of *dealing socially with cultural difference*». Beck, *op.cit.*, p. 12. O itálico é do autor.

²⁰ Como forma de distanciar o seu conceito de cosmopolitismo de qualquer posição associada à Modernidade Clássica, Beck faz a distinção entre **imaginação monológica**, própria da primeira Modernidade que, estando circunscrita pela visão uni-

No contexto de uma sociedade de risco global e multicultural, o cosmopolitismo, para ser um conceito viável e aplicável, tem de abdicar das suas aspirações culturais impositivas e expansionistas, do seu complexo de superioridade intelectual, tipicamente oriundo da racionalidade ocidental, e da sua visão unívoca presente na forma como olha para as outras culturas.

Ou seja, o **cosmopolitismo reflexivo**, se assim o podemos denominar, deve abdicar de tudo aquilo que Beck considera os seus elementos modernos transcendentais²¹, isto é, o seu **dogmatismo** e o seu **universalismo**, prejudiciais ao entendimento da nova ordem mundial.

Por se tratar, acima de tudo, de uma forma metodológica destinada à compreensão dos paradigmas globais da sociedade contemporânea, torna-se impossível estabelecer qualquer paralelismo com os projectos cosmopolitas que nos chegam da Primeira Modernidade.

Seria, aliás, contraditório com o próprio pensamento de Beck querer encontrar nele qualquer afinidade com a Primeira Modernidade, ele que é um autor de ruptura com o modelo que ela nos legou.

A aplicação que Beck faz do conceito de Cosmopolitismo, para além de tentar captar o espírito de uma época que é em si globalizante e de responder à problemática inspirada por uma sociedade que se confronta com desafios de carácter planetário, aspira a ser uma contribuição realista e efectiva, despojada de qualquer elemento utópico, para enfrentar no plano prático com lucidez o futuro de uma sociedade ameaçada pelo seu próprio presente.

RESUMO

Como em nenhuma época anterior da história, o início do século XXI encontra-se perante desafios que colocam em causa tanto a sobrevivência humana como a do próprio planeta Terra. A característica principal desses desafios é a sua dimensão planetária, o que faz com que Ulrich Beck designe a sociedade actual como Sociedade de Risco Global.

lateral que caracteriza a identidade nacional do Estado-nação, é totalmente incapaz de aceitar a pluralidade cultural que constitui o mundo e, mediante isso, não reconhece nas diferenças culturais a alteridade do outro e **imaginação dialógica**, que é a característica primordial da perspectiva cosmopolita da Modernidade Reflexiva. A imaginação dialógica aceita o carácter de alteridade do outro, dado que reconhece e aceita no seu seio a coexistência de diferentes perspectivas culturais e também de diferentes estádios de desenvolvimento no que concerne ao que entendemos por Modernidade. Cf. Beck, "Cosmopolitan Society and Its Enemies" in *op.cit.*, p.18.

²¹ «The certainties that, as I say, cosmopolitanism has lost are the "transcendental" ones that helped train philosophical cosmopolitans at the beginning of the first modernity». Beck, "Neither Order Nor Peace – A Response to Bruno Latour" in, *Common Knowledge* 11:1.

Segundo Beck, a solução para os problemas da Sociedade de Risco Global passa por um esforço de cooperação internacional por parte das instituições políticas e por uma releitura do conceito de Cosmopolitismo como elemento de uma nova cultura política. Neste artigo, pretendemos expor a forma como Beck adopta o conceito de Cosmopolitismo adaptado à realidade dos desafios do século XXI.

ABSTRACT

As in no other age of human history, the beginning of the 21st century faces challenges in which both the human race and the planet Earth are at stake. The main note of these challenges is its planetary scope, what leads Ulrich Beck to define our society as a World Risk Society.

According to Beck, the problems faced by the World Risk Society can only come to an end through an effort of international cooperation in political institutions and through a new interpretation of the concept of cosmopolitanism as an element of a new political culture. In this article, we intend to expose the way Beck approaches the concept of Cosmopolitanism suited to the reality of the 21st century's challenges.